

Soka Gakkai Internacional

SGI Quarterly

Um fórum budista pela paz, cultura e educação

Número 83 | Janeiro 2016



Nesta edição

Aprender com a ira Khalida Brohi **Visão gandiana sobre as armas nucleares** Ela Gandhi
Cidadania global Daisaku Ikeda

A **SGI Quarterly** reúne vozes de uma série de indivíduos e grupos que exploram respostas criativas para os desafios comuns do nosso tempo.

O *Fórum* tem como objetivo gerar diálogo e interesse em temas relacionados com a construção de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos para a melhoria da sociedade. Para ver o arquivo das edições anteriores e participar com a sua opinião, visite Common Threads, uma página no Tumblr criada pela Soka Gakkai International (SGI), em commonthreads.sgi.org.

Em Foco destaca as atividades das organizações da SGI e instituições afiliadas ao redor do mundo; *Pessoas e Perspectivas* apresenta histórias e reflexões sobre a visão budista da vida; e *Budismo na Vida Diária* explora princípios budistas e sua aplicação à vida moderna.

As opiniões expressas nesta revista não são necessariamente as da SGI. A solicitação para reimpressão de qualquer texto da revista ou do Common Threads deve ser encaminhada para o e-mail: quarterly@sgi.org. Esta edição e as anteriores podem ser baixadas do site da SGI: www.sgi.org.

Equipe editorial:

Anthony George
Margaret Sutherland
Marisa Stenson
Michael Salsbury
Motoki Kawamorita
Richard Walker
Sonal Malkani
Yoshiko Matsumoto
Yoshiko Ogushi
Yoshinori Miyagawa

Edição em português:

Coordenação:
Divisão de Relações Públicas da BSGI

Colaboradores:

Aline Carolina Omai de Mello
Ana Cristina Lopes
Celi Yuri Shimabukuro Saito
Fernanda de Castro Caetano
Flávia de Araújo Sapienza
Henrique Kubota
Juliana Kazue Nakasaki
Laura Martins
Luci Goshima da Costa
Lucilla Nageib Bark
Maria Alice da Costa
Mariana Watanabe
Marta Gomes da Silva
Mitiyo Santiago Murayama
Núbia dos Santos
Renata Pereira Miranda
Rosângela Arruda
Rosângela Magda de Oliveira
Silvana Vicente
Solange Tobaja Aidar
Sonia Sanae Morita Marcello da Silva
Tabata Mayumi Yamada

Publicado pela Soka Gakkai Internacional

Direção de Arte & Design: Modis Design

© 2016 Soka Gakkai Internacional

Todos os direitos reservados.

Impresso no Brasil.

“Para todas as suas mazelas, as Nações Unidas ainda são importantes por suas normas, legitimidade e idealismo.”

Thomas G. Weiss

10

06



“A resposta está no poder e no potencial dos jovens de desafiar o status quo e imaginar uma nova realidade.”

Anna Ikeda

24

20



Índice

Fórum

02 Aprender com a Ira
Khalida Brohi

06 Iniciativas de Educação para a Paz no Quênia
Mary Kangethe

08 Visão Gandiana sobre as Armas Nucleares
Ela Gandhi

10 Adequar a Organização das Nações Unidas ao seu
Propósito no Século 21
Thomas G. Weiss

14 Uma Abordagem Contextual: Repensando o Propósito
da Economia
Neva Goodwin

18 Cidadania Global
Daisaku Ikeda

Pessoas e Perspectivas

20 Com a Gratidão, Surge a Felicidade
Leonides Arpon, Estados Unidos

22 Criando Laços de Amizade
Liz Lorente, Reino Unido

Em Foco

24 Um Mundo Livre das Armas Nucleares: Uma Missão Possível
Anna Ikeda

26 Uma Europa: Comitê de Jovens da SGI da Europa
Lisa Cowan

Budismo na Vida Diária

27 Caminho do Meio

BSGI em Foco

29 Por um Mundo Unido pela Cultura de Paz



▲ Mulheres aprendem bordado em um centro da Sughar, no Paquistão

Aprender com a ira

Contestando os crimes de honra

Khalida Brohi

*Indignada com a perda de uma amiga por um crime de honra, **Khalida Brohi** contestou esse costume. Ao aprender com os contratempos de sua campanha, ela descobriu uma forma melhor de empoderar as mulheres cuja vida estava em risco, oferecendo-lhes a chance de crescer e desenvolver a liderança em suas comunidades.*

Dez anos atrás, ansiava por vingança. Eu, uma menina de 16 anos no Paquistão, sentindo ódio no coração, queria vingar a morte da minha amiga, assassinada por “honra”. Ela se apaixonara por um menino. E isso não estava de acordo com os interesses da família. Quando contou à mãe sobre o seu amor, o pai e o tio descobriram. Considerando um ato de restauração da honra, eles assassinaram covardemente a minha amiga. A família inteira sabia disso.

De um dia para o outro, deixei de ser uma menina apaixonada pelo mundo para me tornar poetisa e ativista apaixonada pelos direitos das meninas e mulheres. Na frágil idade de 16 anos, não sabia como lutaria essa guerra, mas em meu coração eu precisava fazer algo. Essa era a minha vocação.

Venho de um ambiente conservador. Faço parte de uma pequena aldeia na província de Baluchistão, no Paquistão, onde meus pais foram forçados a se casar com a tenra idade de 9 e 13 anos.

Sou afortunada por meus pais terem me dado liberdade e educação, junto com meus oito irmãos. Embora eles tenham lutado para se mudar da aldeia antes de eu nascer a fim de nos educar na cidade, frequentemente voltávamos para nossa casa na aldeia.

Compreendi que precisava envolver as mulheres por quem estava lutando.

Foi numa dessas visitas que tive um vislumbre da vida de meninas e mulheres na comunidade. Vi o contraste entre esses dois mundos: o que eu compartilhava com as colegas da escola na cidade e aquele com as da montanha, na aldeia. Desde cedo, testemunhei amigas se casando muito jovens – minhas melhores companheiras de infância sendo trocadas e dadas a homens que nunca tinham visto antes. Presenciei minhas próprias tias e primas sofrendo violência doméstica. Mas foi com o assassinato da minha amiga que questionei por que eu havia recebido total liberdade e escolha. Era minha responsabilidade agir, e aquela era a hora.

Fiz o que pude como adolescente. Escrevi poesia e fui de porta em porta na minha aldeia no Baluchistão para começar uma campanha contra esse costume. Pensava que ninguém sabia sobre esse costume e que quando descobrissem compartilhariam da minha sensação de horror e indignação, mas percebi rapidamente que estava errada. Segundo as Nações Unidas, mais de mil mulheres morrem em crimes de honra todo ano no Paquistão e centenas de casos não são notificados. Eu começava a lutar contra algo maior do que havia imaginado e, com a minha revolta e juventude, acreditava que podia.

Logo fui descoberta por grupos em Islamabad, capital do Paquistão, pelo meu franco ativismo e fui convidada a fazer parte de uma campanha nacional contra crimes de honra. Em um ano, entrei para um programa internacional para jovens líderes e fui convidada a ir à Austrália.

Ir para a Austrália alimentou ainda mais a minha raiva. O novo mundo me deixou impressionada! As mulheres podiam dirigir. Elas podiam escolher seu futuro. Podiam vestir o que quisessem. E, o mais importante, as mulheres eram confiantes.

Voltei ao Paquistão ainda mais indignada do que quando saí. Comecei uma campanha de ativismo on-line no Facebook, chamada Campanha ACORDE contra o Crime de Honra. A indignação que expressei se tornou viral, e logo centenas de jovens queriam participar. A campanha cresceu ainda mais com nossos vídeos e apelos por ação. Pessoas de todo o mundo começaram a participar e, enquanto considerávamos isso um

sucesso, a oposição começou a aumentar cada vez mais nas comunidades tribais, especialmente na minha localidade.

No ano seguinte, em 2009, enfrentamos grande oposição da minha aldeia. Nossos carros foram apedrejados. Mensagens contra mim e minha equipe foram escritas nas paredes e tive de circular pela vila oculta por véu. Em pouco tempo, as coisas ficaram tão ruins que precisei deixar a aldeia e voltar para Karachi.

Fiquei arrasada com esse fracasso. Culpava-me por tudo. Voltar a Karachi foi a derrota para qual não estava preparada e, de repente, estava sem opções sobre como proceder.

Transformando a raiva

Mas minha maior revelação ainda estava por vir. Ao voltar para Karachi, senti como se tivesse expirado o ar pela primeira vez desde o assassinato da minha amiga. Estava mais focada e minha cabeça, livre da raiva. Nesse estado de calma, passei a refletir sobre as falhas. Foi quando percebi que *eu* é que estava errada.



▲ O Centro de Mulheres Sughar é uma instalação temporária utilizada para oficinas que promovem oportunidades de crescimento para mulheres

Comecei meu trabalho com ódio, e assim atraí apenas ira. No processo de reunir vozes contra o costume dos crimes de honra, também insultava os valores fundamentais em que aquelas pessoas acreditavam havia séculos. Desafiava minhas próprias tradições, com as quais havia crescido e, mais do que tudo, não envolvia diretamente as pessoas cujos problemas eu questionava. Em minha raiva para punir todos os homens envolvidos nesses assassinatos, estava me punindo por me deixar ser governada pela revolta. Percebi que não poderia mais fazer isso. Essa luta podia ser travada de muitas outras maneiras.

Nós tínhamos de usar os inimigos como nossos aliados. Os resultados seriam lentos, mas estariam assegurados se trabalhássemos para mudar o comportamento dos homens tribais e libertássemos o potencial das mulheres.

Compreendi que precisava envolver as mulheres por quem estava lutando. Sabíamos que o Paquistão carecia de processos e punições significativos para os crimes de honra e que a percepção dos homens sobre as mulheres era em grande parte culpa da persistência de um costume tão abominável. Mas o que não tínhamos notado era como a própria percepção das mulheres sobre si mesmas desempenhava um papel na perpetuação desse comportamento.



▲ Adquirindo habilidades para criar a mudança

As mulheres consideravam a violência e a discriminação que enfrentavam como destino e diziam a suas filhas e colegas para nunca reclamarem quando o marido as maltratassem. É por isso que elas nunca desafiavam um tapa de um homem ou os insultos que recebiam.

Entendi quais seriam os próximos passos. Nós tínhamos de usar os inimigos como nossos aliados. Os resultados seriam lentos, mas estariam assegurados se trabalhássemos para mudar o comportamento dos homens tribais e libertássemos o potencial das mulheres. Focamos toda a nossa energia em fazer barulho e pressionar o governo, mas não reconhecemos o fato de que nossa voz não penetrava naqueles lugares onde as regras e os regulamentos tribais basicamente ditavam a vida cotidiana das pessoas.

Nós tínhamos de trabalhar. Decidimos voltar para as comunidades e nos desculpar pelo que havíamos feito. E, secretamente, chamamos isso de Projeto Desculpa. Fomos às aldeias e explicamos que entendíamos que havíamos cometido um enorme erro, que estávamos envergonhados por desrespeitar seus valores e que retornamos para nos reconciliar.

Nós lhes dissemos que faríamos isso promovendo suas tradições de música, linguagem e bordado.

Ganhando confiança

No início, houve resistência dos homens à nossa ideia, porque definitivamente não éramos confiáveis. Mas, então, os líderes tribais cederam e logo estávamos trabalhando com eles para gravar CDs de velhas canções tradicionais, coletando histórias antigas e fábulas em um livreto e promovendo bordado em um espaço que tínhamos recebido dos líderes tribais e transformado em centro de aprendizagem e desenvolvimento de competências. As mulheres da vila iam todos os dias “fazer bordado”, receber educação e se tornar mais conscientes de como elas poderiam desempenhar um grande papel na mudança de sua vida. Dessa forma, começariam a aprender sobre os seus direitos.

Funcionou! A iniciativa, que mais tarde foi nomeada Sughar, cujo significado é mulher hábil e confiante, reuniu trinta mulheres na primeira aldeia e as educou sobre os seus direitos. Além disso, os produtos dos seus bordados geraram renda para elas e suas famílias. Nós nos desenvolvemos mais, abrimos mais centros e focamos em ensinar três pontos: desenvolvimento empresarial e habilidades para a vida; consciência dos direitos e como os bordados tradicionais podem agregar valor aos produtos, como bolsas e vestidos de grife.

Samina é uma das mulheres do nosso centro. Sua mão direita está paralisada e todos na aldeia pensavam que ela não servia para nada. Porém, nossas aulas a inspiraram a criar bordados surpreendentes que eram vendidos nos mercados. Hoje, Samina dirige um centro como facilitadora ensinando outras mulheres. Sobre sua experiência, ela disse: “Nunca percebi que bênção tinha recebido. Eu lamentava minha falta de capacidade. Jamais tinha visto quanto era capaz!”.

Nós trabalhamos com os homens organizando reuniões de comunidade e partidas de críquete; sabíamos que era uma maneira de reuni-los em qualquer cidade ou aldeia



▲ Estudando em um centro da Sughar

do Paquistão. E quando o jogo ficava muito emocionante, nossos membros da equipe, que faziam os comentários do jogo, começavam a falar sobre os direitos das mulheres. Todo mundo tinha de ouvir essas mensagens, e elas se tornaram tema de discussão nos mercados, em lugares comuns e quando tomavam xícaras de chai.

Em 2014, depois de atingir a vida de 800 mulheres nas províncias paquistanesas de Sindh e do Baluchistão, decidimos ampliar ainda mais. Vendo que os esforços locais da Sughar poderiam chegar tão longe sozinhos, lançamos a Fundação Sughar em São Francisco, Califórnia, com a ajuda de grandes mentores e conselheiros. Com essa fundação, planejamos replicar as ideias e o sucesso da Sughar, fornecendo subsídios para várias outras organizações pelo Paquistão e além. Nosso objetivo é alcançar um milhão de mulheres em dez anos. Por meio do compromisso e da paixão de mulheres empoderadas, isso definitivamente pode ser feito!



Khalida Brohi é a fundadora e diretora-executiva da Sociedade de Empoderamento Sughar, um empreendimento social sem fins lucrativos sediado no Paquistão. Por meio do trabalho com homens e mulheres tribais em aldeias rurais, a Sughar visa empoderar as mulheres para que se tornem líderes em suas comunidades. Para mais informações, visite www.sughar.org.

Iniciativas de educação para a paz no Quênia

Mary Kangethe

Mary Kangethe descreve como a educação para a paz ajuda a criar conexões através de fronteiras étnicas, de gênero e de religião que dividem as comunidades no Quênia

No final de 2007, o Quênia foi jogado em uma crise quando a violência eclodiu na disputa pelas eleições presidenciais, reivindicando várias centenas de vidas. Em 2008, em resposta, o Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia lançou o Programa de Educação para a Paz. O programa, que intensifica os esforços anteriores para promover a paz por meio da educação, foi a partir de então instituído em todo o país, embora a ênfase seja dada às regiões propensas à violência interétnica.

Ao edificar a paz entre os membros da comunidade escolar, a educação para a paz, em última análise, visa contribuir para a paz e a coesão nacional no Quênia como um todo. A educação para a paz não é ensinada como uma disciplina individual. Está integrada em todas as matérias com o objetivo de dar suporte ao ensino de competências de vida, estudos sociais, história e governo, educação religiosa e idiomas. Os professores passam por treinamento experiencial e orientado para a atividade utilizando um manual de treinamento padrão. Em seguida, são fornecidos livros de atividades para os professores e um livro de histórias como materiais de recurso para apoiar a sua atividade de educação para a paz na sala de aula.

Fora dela, os professores são encorajados a instituir “Clubes Amani”, que são clubes de paz; *amani* é uma palavra suaíli para “paz”. Por intermédio dos clubes, os alunos realizam atividades como plantio e cultivo de árvores, que reforçam e desenvolvem qualidades como empatia e cuidados com os outros; promovem o bem-estar dos seus colegas por meio de esforços como fazer contribuições para os menos favorecidos; aumentam a conscientização sobre a paz entre os membros da comunidade escolar como a criação de recantos de paz; e promovem a defesa da paz durante os eventos escolares tais como assembleias.

Pelo programa, os alunos se conscientizam das causas dos conflitos e como resolvê-los de forma construtiva na vida

diária. Eles são equipados com competências que promovem a paz e a dignidade humana em todos os níveis de interação. Um aspecto fundamental disso é o desenvolvimento do respeito pela diversidade. A sala de aula torna-se uma arena na qual os valores globais de interdependência positiva, justiça social e participação na tomada de decisões são aprendidos e praticados.

Condado do Rio Tana: um estudo de caso

O Condado do Rio Tana é, em grande parte, habitado por três principais grupos étnicos — os Pokomo, muitos dos quais são agricultores de fé cristã ou islâmica, os Orma e os Wardei, que são predominantemente nômades e muçulmanos. A região, propensa à seca, apresenta um caso interessante da ligação entre o conflito e a segurança alimentar. Os conflitos têm ocorrido entre os agricultores e os povos nômades devido ao acesso à água, e a violência e a ruptura afetam particularmente a vida das crianças em idade escolar.

A sala de aula torna-se uma arena na qual os valores globais de interdependência positiva, justiça social e participação na tomada de decisões são aprendidos e praticados.

O pior incidente na área nos últimos tempos foi em 2012, quando pelo menos 52 pessoas foram mortas pela violência étnica entre os Orma e os Pokomo. Os níveis de pobreza na região continuam altos, e o desempenho acadêmico médio tanto nas escolas de educação infantil como nas de ensino fundamental está abaixo da média. É nesse contexto que o Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia implementou iniciativas de educação para a paz na localidade.

Após a violência de 2012, o ministério forneceu uma plataforma para o diálogo, reunindo os conselhos diretores das escolas, as associações de pais e mestres e os professores em fóruns separados para deliberar sobre a paz. Com o entendimento comum sobre a importância da



Professores de Tana Delta participam de uma oficina como parte do programa educacional Aprendendo a Viver Juntos

educação das crianças e dos jovens em suas comunidades, os participantes foram capazes de estabelecer um diálogo sobre questões sensíveis na região.

Reconhecendo a necessidade de intervenção psicossocial a fim de ajudar os alunos a processar os efeitos psicossociais de violência, a iniciativa do Condado do Rio Tana envolve vários componentes projetados para dar aos alunos uma saída para expressar experiências e sentimentos. Estes incluem sessões de arteterapia, compartilhamento de mecanismos de enfrentamento, atividades em grupo nas quais os alunos são convidados a imaginar um futuro sem violência e representá-lo em um desenho, e atividades de música e dança para ajudar os alunos a liberar os sentimentos evocados durante as várias sessões. As crianças também cantam canções de todas as comunidades do lugar.

O ministério, em colaboração com Arigatou International, Unesco e Life Skills Promoters [Promotores para Competências de Vida], está atualmente dirigindo o Learning to Live Together (LTLT) [Aprendendo a Viver Juntos], programa educacional baseado nos valores intercultural e inter-religioso em catorze escolas no condado, atingindo cerca de 800 alunos. Sob a forma de atividades especialmente concebidas integradas às aulas de competências de vida dos alunos, o Aprendendo a Viver Juntos visa fomentar valores éticos e fortalecer a identidade dos alunos, habilidades de pensamento crítico e capacidade de tomar decisões bem fundamentadas. Os resultados do programa piloto LTLT informarão amplamente o processo de reforma curricular em curso no país.

O impacto

Talvez o maior impacto da introdução da educação para a paz do Condado do Rio Tana tenha sido seu efeito positivo sobre os professores e o processo de ensino. Com a participação nas oficinas de formação de professores do LTLT, a interação entre professores de diferentes comunidades étnicas (quase inexistente antes do treinamento) melhorou muito, obrigando-os a desafiar suas atitudes e opiniões sobre os outros. As iniciativas também têm proporcionado novas abordagens de ensino. Por exemplo, a abordagem baseada em atividades para entrega de conteúdo em sala de aula melhorou o processo de ensino, ao mesmo tempo que instiga o interesse dos alunos em aprender e interagir atravessando fronteiras étnicas e de gêneros.

À medida que os alunos se empenham nas atividades, os professores relatam que as barreiras étnicas e de gênero são lentamente derrubadas, mesmo em meio a um ambiente cultural e religioso sensível que não incentiva a interação entre os gêneros.



Mary Kangethe é diretora-assistente de Educação no Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia do Quênia. É coordenadora nacional do Programa de Educação para a Paz e também coordenadora do Inter-Country Quality Node (ICQN) [Nó de Qualidade entre Países] sobre Educação para a Paz, que reúne quinze países africanos.



▲ Exposição num evento paralelo à conferência de Viena

Visão gandiana sobre as armas nucleares

Ela Gandhi

Ela Gandhi descreve sua motivação para unir líderes religiosos do mundo inteiro, por ocasião da Conferência sobre o Impacto Humanitário das Armas Nucleares de Viena, em 2014, com a publicação Comunidades de Fé: Sobre as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares, uma declaração conjunta condenando este arsenal.

Crescer no Assentamento de Phoenix, o primeiro *ashram* (comunidade formada intencionalmente com o intuito de promover o desenvolvimento espiritual dos seus membros) fundado por Mahatma Gandhi, me proporcionou profunda apreciação da natureza. Ele também me ajudou a valorizar os ensinamentos de todas as religiões e que todas falam sobre a sacralidade da natureza.

O Assentamento de Phoenix era constituído por 100 hectares de espaço agrícola localizado na periferia da cidade de Durban, na África do Sul. Nesse local, não

contávamos com água encanada, eletricidade, muito menos serviços de coleta de lixo, esgotos, estradas ou escolas. Nesse ambiente, Gandhi estabeleceu os próprios sistemas embasados em suas ideias de práticas sustentáveis, vivendo em harmonia e próximo à natureza e com respeito entre todas as religiões.

O livro de Mark Thomson, *Ghandi and His Ashrams* [Gandhi e seus Ashrams], contém a seguinte descrição da vida destes: “Se a primeira observação fosse a simplicidade, a segunda seria a fraternidade universal, pois, aqui,

distinção de credo, raça e cor haviam sido resolvidas em uma síntese mais elevada, maravilhosa de se testemunhar... Os dias envolviam instruções em conhecimentos gerais e literários, várias técnicas de trabalho criativo e uma grande quantidade de exercícios físicos. Gandhi nunca forçava ou coagia as crianças a nada, e acreditava que elas não deveriam ser insultadas nem humilhadas por nenhum motivo sequer”. Thomson continua, “Cada vez mais, Gandhi salientava a sua ideia de *satyagraha* (sua filosofia da não violência) como um meio de retornar à condição natural do homem. Essa abordagem permeava seu pensamento e ação. Para ele, *satyagraha* tornou-se não apenas uma técnica política de rebelião, mas um meio alternativo de educação e modo de vida”.

Foi nesse contexto que cresci e aprendi, em primeiro lugar, que a destruição da natureza era inaceitável; em segundo, que era nosso dever promover a amizade entre as pessoas e não fazer inimigos; e em terceiro, que adotar um estilo de vida não violento era o que precisávamos almejar sempre.

Embora a vida na fazenda não fosse fácil — não tínhamos fogão, energia elétrica ou outros aparelhos que pudessem ser ligados ao simples toque de um botão, e nem água corrente disponível — nos ensinavam rigorosamente um estilo de vida saudável. Levantávamos cedo, trabalhávamos no jardim, cavávamos buracos para enterrar o lixo para compostagem usada na plantação para a alimentação da casa. Nossa educação não se limitava ao conhecimento de livros, mas era baseada na apreciação da vida, da importância da terra, do solo fértil, das pequenas borboletas e dos insetos e das ervas e plantas.

Tivemos a sorte de crescer em uma área onde pessoas de todas as etnias conviviam juntas em uma África do Sul racista. Crescemos vendo as pessoas sem rótulos de raça, classe, casta ou gênero. Todos eram respeitados, fossem eles idosos ou crianças, porque eram únicos, e tínhamos o que aprender com cada um deles. Aprender era importante, e para nós significava absorver o bom, descartando o ruim. Isso só poderia ser feito se não nos detivéssemos no mal, mas, em vez disso, nos concentrássemos no bem. Esse estilo de vida não nos permitiu criar e cultivar preconceitos ou inimizades, mas nos ensinou a diferenciar entre tudo o que é bom e tudo o que é ruim. Aprendi que boas ou más são as ações, e não as pessoas.

Esse aspecto da educação me foi ensinado em casa, na minha mais tenra infância, pelos meus pais. Passei a frequentar uma escola apenas quando já tinha 10 anos. Naquela altura, eu já havia aprendido muito sobre ser capaz de distinguir entre o certo e o errado que a minha escolaridade não conseguiu mudar minhas percepções em relação às pessoas, à natureza, à história e à ciência. Eu já os compreendia, do ponto de vista ensinado pelos meus pais;

portanto, não fui influenciada pelas perspectivas distorcidas sobre a guerra e conquistas científicas concebidas para nos fazer sentir inferiores como “não brancos” sob o sistema e educação racial do apartheid.

Essas experiências da minha infância no *ashram*, e os ensinamentos nele vividos, jamais poderão se conciliar com a destruição que é consequência do poder nuclear.

Quando participei da Conferência sobre o Impacto Humanitário das Armas Nucleares de Viena, os testemunhos lá apresentados deixaram claro, sem dúvida, como as armas nucleares são absoluta e terrivelmente destrutivas, tanto nos danos à natureza como nos danos permanentes ao desenvolvimento humano. As pessoas falaram dos efeitos terríveis causados ao corpo humano nas áreas afetadas pelos bombardeios atômicos, naquelas em que testes foram realizados e onde ocorreram acidentes nucleares. Esses relatos indicam claramente a necessidade de se proibir todas as atividades nucleares, pois são uma ameaça real para a existência da humanidade neste planeta.

Três declarações dos escritos de Gandhi vêm à minha mente com relação à questão das armas nucleares:

- “Meios violentos resultarão *swaraj* (independência, liberdade) violentos.” Violência só gera mais violência.
- “Se a louca corrida ao armamento continuar, certamente resultará em um massacre como nunca ocorrido na história. Se houver um vencedor, a vitória será meramente morte em vida para a nação vitoriosa.”
- “Sempre que você estiver em dúvida, ou quando seu ego estiver em evidência, faça o seguinte teste. Lembre-se do rosto da pessoa mais pobre ou fraca que já viu e pergunte a si mesmo se o passo que vai dar terá alguma utilidade para ela.”

Ponderando sobre essas palavras, acredito que Gandhiji (tratamento respeitoso) com certeza esperaria meu apoio à resolução alcançada pelas comunidades de fé, na qual expressam as suas preocupações e buscam a cooperação dos governos para interromper a produção de armas nucleares



Ela Gandhi, ativista da paz e neta de Mahatma Gandhi, é a fundadora do Gandhi Development Trust e copresidente das Religiões pela Paz. Foi membro do Parlamento da África do Sul e reitora da Universidade de Tecnologia de Durban.

Adequar a Organização das Nações Unidas ao seu propósito no século 21

Thomas G. Weiss

Setenta anos após a sua fundação, as Nações Unidas estão aptas a lidar com os problemas globais do século 21? **Thomas**

G. Weiss, especialista em políticas da ONU, considera os principais problemas e apresenta possíveis soluções.

O 70º aniversário da assinatura e entrada em vigor da Carta das Nações Unidas, semelhante às celebrações de aniversário de sua fundação, a cada cinco anos, tem sido acompanhado por propostas de diversas reformas; só em junho de 2015, havia relatórios sobre operações de paz, planejamento para consolidação da paz e da crise na governança global. Embora mais adaptações tenham ocorrido do que muitos reconhecem, na verdade os fundadores teriam dificuldade em reconhecer o sistema cujas bases foram lançadas em 1945 — olhos se arregalam quando se considera “reformulação da ONU”.

De forma apropriada, pois o sistema das Nações Unidas é lamentavelmente inadequado a grandes mudanças. Mas por que isso é necessário? Por que tão pouco acontece? O que, se existe alguma coisa, pode ser feito? Poderá o nono secretário-geral, que toma posse em janeiro de 2017, fazer a diferença?

O desafio central

Uma transformação dramática da organização mundial, e não pequenos ajustes, é necessária para abordar os problemas transfronteiriços que o ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan, chamava de “problemas sem passaportes”. Eles vão desde as alterações climáticas, a migração, as atrocidades em massa e as pandemias até o terrorismo, a instabilidade financeira, a pobreza e a proliferação de armas de destruição em massa... e a lista continua.

Ironicamente, a autoridade política e os recursos para resolver problemas mundiais continuam a ser exercidos individualmente nos 193 Estados-membros das Nações Unidas,

e não coletivamente na ONU. A disjunção fundamental entre a natureza de um número crescente de ameaças globais e as estruturas inadequadas atuais para a resolução de problemas internacionais e de tomada de decisão justifica as respostas locais de táticas intermitentes e de curto prazo para as ameaças que exigem planejamento estratégico e pensamento e ação global de longo prazo. Reformas fundamentais das instituições multilaterais são necessárias para fazê-las funcionar efetivamente e no interesse comum.

As principais deficiências da ONU

Três deficiências principais tornam a ONU inadequada ao seu propósito

A posse da soberania

A primeira deficiência é o conceito duradouro de que a comunidade internacional é um sistema de Estados soberanos, um conceito de 1648 do Tratado de Vestfália. Como resultado da posse da soberania, que pode ser visto como um jovem conceito de 370 anos, ou como um velho conceito de 370 anos, o sistema internacional atual funciona entre um crescente número de anomalias que ameaçam a vida e estruturas existentes que tornam difíceis a tomada de decisões internacionais para fazer algo a respeito.

Os interesses vitais das grandes potências, obviamente, criam obstáculos à ação da ONU, porém, os países menos poderosos, bem como potências emergentes, se mostram, também, veementemente protetores de sua soberania. Todos os Estados relutam em aceitar elementos de autoridade central global e as incursões que eles deveriam fazer nas ações autônomas.

A ONU continua a ser a fortaleza mais formidável da sacrossanta soberania do Estado, até mesmo com os avanços tecnológicos, a globalização e os problemas transfronteiriços proliferando e as fronteiras nacionais tendo menos e menos significado. As instituições nacionais que fornecem bens



▲ Sede da ONU, em Nova York

públicos nos países que funcionam não existem globalmente — não têm nenhum poder para tributar, limitar, regular quarentena no âmbito internacional.

Divisões artificiais

A segunda deficiência decorre da diplomática burlesca que passa como diplomacia na Primeira Avenida em Manhattan ou em reuniões da ONU em qualquer outro lugar — por exemplo, a conferência de setembro, em Nova York, sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ou a conferência de dezembro em Paris para enfrentar a mudança climática. A divisão artificial entre a antiga trupe do Norte industrializado e do Sul Global fornece o drama.

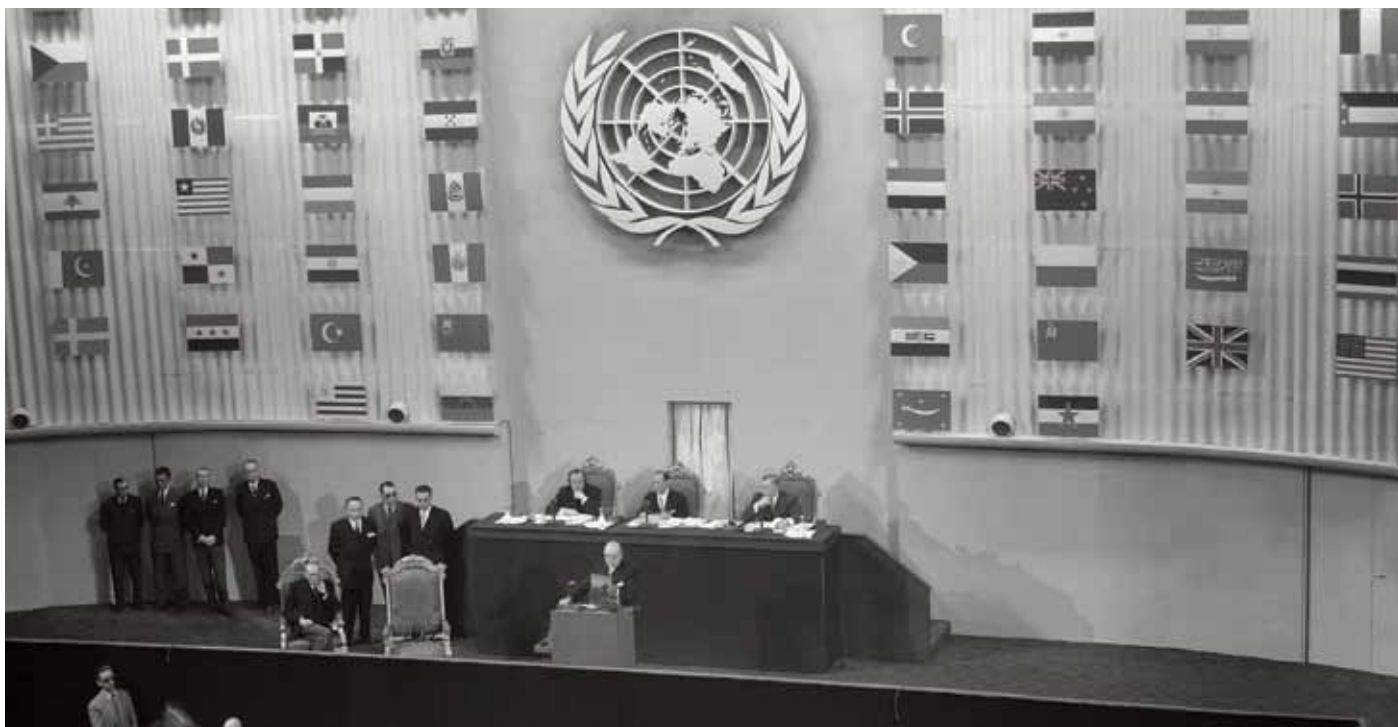
Lançado nas décadas de 1950 e 1960 como um meio para criar algum espaço diplomático para as negociações por parte dos países à margem da política internacional, as vozes criativas do Non-Aligned Movement [Movimento dos Países Não Alinhados] e o Grupo dos 77 países em desenvolvimento tornaram-se prisioneiros de sua própria retórica. Esses rígidos e contraproducentes grupos — e as consequentes divisões artificiais e atmosfera tóxica — constituem barreiras quase intransponíveis para iniciativas diplomáticas. Um diálogo sério é substituído por uma postura sem sentido para marcar pontos de mídia de volta para casa.

Desafios estruturais

A terceira deficiência é estrutural: as jurisdições sobrepostas de diferentes órgãos da ONU, a falta de coordenação entre as suas atividades e a ausência de financiamento centralizado para o sistema como um todo. Várias partes móveis das Nações Unidas trabalham com objetivos opostos em vez de se integrarem e reforçarem mútua e colaborativamente. Agências perseguem incansavelmente a angariação de fundos para expansão de seus mandatos, territórios e para prosseguir com a missão. Enquanto o organograma da ONU refere-se a um “sistema”, o que implica coerência e coesão, na verdade esse sistema tem mais em comum com o feudalismo do que com uma organização moderna.

A desordem relacionada decorre do peso esmagador da burocracia das Nações Unidas, sua baixa produtividade e a liderança muitas vezes inexpressiva dentro das secretarias internacionais. O estereótipo de uma administração inchada ignora muitos indivíduos talentosos e dedicados; porém, o corpo de recrutamento mundial, os métodos de retenção e promoção são certamente parte da doença. Quando o sucesso ocorre, geralmente reflete personalidades e serendipidade,¹ em vez do recrutamento das melhores pessoas pelas

Nota: 1. Serendipidade: Faculdade ou ato de descobrir coisas agradáveis por acaso.



▲ Terceira Assembleia das Nações Unidas em 1948, quando a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* foi adotada

razões certas e estruturas institucionais destinadas a promover a colaboração. Seria difícil encontrar um projeto melhor para a complexidade fútil do que a atual variedade de agências, cada uma focada em determinada área substancial, muitas vezes localizada em uma cidade diferente dos relevantes parceiros da ONU e com orçamentos, conselhos de administração, culturas organizacionais separados e diretores-executivos exclusivos.

Alguns paliativos, não soluções

A prescrição para atenuar essas doenças envolve engolir um amargo, mas não intragável, remédio.

Reformular interesses nacionais

A primeira solução exige construir sobre o instável, porém significativo, progresso na reformulação dos interesses nacionais. A prescrição para o sistema vestfaliano pode ser a pílula mais difícil de engolir, ou seja, redefinir os interesses nacionais a fim de incluir os benefícios do fornecimento de bens públicos globais, tais como ar respirável e um sistema de reação a pandemias — respeitando os compromissos internacionais. Os Estados democráticos deveriam, teoricamente, considerar esta pílula fácil de engolir, uma vez que eles têm interesse vital e racional de longo prazo, bem como a responsabilidade moral de promover a cooperação multilateral. Na realidade, o sistema existente representa, de muitas maneiras, valores liberais.

Nada ilustra melhor uma possível reformulação da soberania do Estado do que a responsabilidade de proteger (R2P), que

redefine a soberania do Estado como contingente em um mínimo de respeito aos direitos humanos, em vez de sê-lo de forma absoluta. Enquanto R2P impõe a responsabilidade primária dos direitos humanos sobre os governos, argumenta que, se um Estado se manifesta relutante ou incapaz de honrar a sua responsabilidade, ou pior, é o autor de atrocidades em massa, a responsabilidade de proteger seus cidadãos se desloca para os Estados da comunidade internacional. A história do direito internacional público, na verdade, mostra como os Estados aceitaram limites sobre a sua conduta, ao concordarem em limitar suas margens de manobra. Recalculando os benefícios de bens públicos globais e respeitar os solenes compromissos internacionais são o caminho a seguir, um avanço gradual de acordos intergovernamentais ao longo das linhas seguidas pela pioneira União Europeia.

Fortalecer parcerias criativas

Ir além da areia movediça dos problemas de Norte a Sul e em direção às negociações baseadas nos problemas e baseadas nos interesses é a segunda solução essencial. Precisamos de configurações diferentes de países para diferentes problemas e parar de pensar em associações fixas e participação universal para cada item na agenda internacional. Os Estados-membros, em algumas ocasiões, romperam as fortificações ao redor dos campos Norte-Sul, fortalecendo parcerias criativas que anunciam outros tipos de “alianças de intenções”, que poderiam desobstruir deliberações da ONU. Menos pose e encenação é um pré-requisito para a saúde do futuro da organização mundial e da política mundial.

É fundamental identificar e eleger um secretário-geral que compreenda as falhas na estrutura e nos recursos humanos da ONU e tenha o conhecimento, a determinação e o carisma para corrigi-las.

Exemplos de amplas parcerias em todos os continentes e ideologias incluem aqueles que negociaram o tratado para banir as minas terrestres e o tratado que criou o Tribunal Penal Internacional (TPI). A parceria de minas terrestres mobilizou um grupo diversificado de países em toda a habitual divisão Norte-Sul, bem como a sociedade civil global sob a liderança do Movimento Federalista Mundial e o, geralmente reticente, Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

A ideia de um tribunal penal permanente havia sido discutida desde o final da década de 1940, mas recebeu um impulso após os tribunais *ad hoc* para a ex-Iugoslávia e para Ruanda. O grupo de sessenta países que compartilhavam a mesma opinião e reunidos em Roma, em 1998, representaram uma coalizão formidável e persuasiva que uniu forças com 700 membros de uma coalizão de ONGs; o tratado ICC avançou vigorosamente, apesar da forte oposição de vários membros permanentes do Conselho de Segurança.

Um exemplo do cenário econômico global é a iniciativa do Pacto, que faz a sociedade civil e as empresas transnacionais parceiras com a ONU; o Pacto afasta-se da característica específica do Norte capitalista que anteriormente havia sido rejeitada pelo Sul Global. O Grupo dos Vinte (G-20) é mais uma ilustração do que deixou de ser apenas uma publicidade para os ministros das Finanças e se tornou mais séria após a crise econômica global de 2008-2009. Reclamações sobre a ilegitimidade do G-20 soarão falsas se uma ordem econômica global mais estável resulta daquilo que todos os Estados se beneficiam.

Coesão e recursos humanos revigorados

A terceira linha de tratamento seria persistir na possibilidade de fazer o trabalho operacional da ONU com mais coesão, como defendido pelo conceito *Delivery as One* [Entrega como Um], um estudo publicado há uma década trazendo experiências bem-sucedidas no campo a partir de então, mas que têm insuficientemente reduzido as lutas pelo poder e a concorrência improdutivo dentro do chamado sistema das Nações Unidas. Os doadores devem parar de falar de dois lados da moeda e insistir na centralização e consolidação, que muitas vezes os doadores pregam em fóruns da ONU e em órgãos parlamentares, porém nunca agem nessa direção.

Uma terapia relacionada consiste em tomar medidas para revigorar o pessoal da ONU. Há uma necessidade urgente de reavivar a noção da função pública internacional autônoma como defendida pelo segundo secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjöld. Competência e integridade devem sobrepujar

considerações sobre nacionalidade e gênero, bem como favoritismo, que se tornaram critérios para recrutamento, retenção e promoção. Voltar-se para o futuro implica um recrutamento baseado exclusivamente na competência e integridade. Existem inúmeras maneiras de atrair mais membros flexíveis e jovens para a equipe, aumentando a rotatividade do pessoal e diminuindo os contratos permanentes, proporcionando melhor desenvolvimento de carreira para a organização mundial do século 21.

Conclusão

Apenas pela segunda vez, a primeira foi em 1996, as campanhas eleitorais para a presidência dos Estados Unidos e para o secretário-geral das Nações Unidas serão realizadas em paralelo. Ambas serão longas e demoradas. Cada uma já tem uma chapa crescente de candidatos presumíveis se atacando e fazendo lobby.

É fundamental identificar e eleger um secretário-geral que compreenda as falhas na estrutura e nos recursos humanos da ONU e tenha o conhecimento, a determinação e o carisma para corrigi-las. Na verdade, as chances de mudança institucional significativa são normalmente reforçadas durante a “lua de mel”, o primeiro ano do novo mandato de um secretário-geral. Tanto Boutros Boutros-Ghali como Kofi Annan instituíram suas maiores mudanças em gestão e pessoal em 1992, 1997 e 2002. Vamos esperar por iniciativas similares do candidato de 2016.

Indivíduos e Estados podem ser tão fortes quanto as instituições que eles criam. Há uma abundância de coisas erradas, mas algumas podem ser reparadas. Para todas as suas mazelas, as Nações Unidas ainda são importantes por suas normas, legitimidade e idealismo. A organização mundial necessita urgentemente de se reinventar e ser uma força vital ativa em assuntos globais.



Thomas G. Weiss é professor titular de ciência política e diretor emérito do Instituto Ralph Bunche para Estudos Internacionais do Centro de Graduação da Universidade Municipal de Nova York. Um dos maiores especialistas sobre as Nações Unidas, ele é autor ou editor de cerca de cinquenta livros, incluindo *O que Há de Errado com as Nações Unidas e como Consertá-lo* cuja terceira edição será lançada em 2016.



Uma abordagem contextual

Repensando o propósito da economia

Neva Goodwin

*As iminentes crises sociais e ambientais dos nossos tempos estão forçando uma reavaliação das hipóteses fundamentais da teoria econômica predominante — que a busca racional do interesse próprio dentro de um sistema de livre mercado levará, naturalmente, ao bem-estar social, e que o bem-estar social é atingido por meio do crescimento econômico constante. Como **Neva Goodwin** descreve, se quisermos garantir que as funções da economia sejam para o bem-estar da humanidade, temos de ter uma compreensão clara de como as forças da economia funcionam. Tal entendimento, diz ela, requer a consideração de todo o contexto em que as atividades econômicas ocorrem.*

A humanidade parece estar indo em direção a vários tipos de desastres no século 21. Os mais óbvios são os perigos ecológicos das mudanças climáticas, escassez de água e destruição de espécies. Os perigos sociais e espirituais da crescente desigualdade, com culturas de inveja, medo e materialismo, tornam difícil para os líderes sequer mencionar que, a fim de abordar realidades ecológicas, haverá uma necessidade de mudanças de comportamento em direção a estilos de vida mais simples, menos consumistas.

As ciências sociais têm se desenvolvido ao longo dos últimos dois séculos com o objetivo de melhorar as condições humanas. Economia é a disciplina que deve ajudar a humanidade a entender as metas de longo e curto prazos, e os compromissos que precisam ser feitos em um contexto em que nem todos os objetivos podem ser alcançados de uma só vez. Infelizmente, enquanto professa ser “livre de valor”, a dominante teoria neoclássica da economia, que foi elaborada durante a segunda metade do século 20, tem de fato objetivos

promulgados que nos levam na direção, em vez de nos distanciar, das crises iminentes da nossa época.

Suposições questionáveis

No nível micro, os economistas neoclássicos afirmam derivar todos os seus resultados de um único axioma sobre o comportamento humano — que a maioria das pessoas é racional, e que o comportamento racional pode ser entendido como a busca do autointeresse. Dessa afirmação sobre a psicologia, é feita a alegação de que todas as eficiências do mercado resultam da maximização do autointeresse individual.

As metas implícitas da microeconomia se baseiam em três suposições adicionais: que a maximização da satisfação dos consumidores é a única maneira de otimizar o bem-estar (a ênfase marxista no bem-estar do trabalhador é praticamente ignorada na psicologia neoclássica); que a racionalidade inclui a previsão de que os consumidores saibam o que irá fazê-los felizes (por exemplo, eles não são afetados pela publicidade, exceto como fonte de informação); e que mais felicidade resulta de mais consumo dos produtos e serviços disponíveis pelos mercados.

Essas microssuposições sobre psicologia e comportamento humano apoiam a meta básica de nível macro, que é geralmente o foco do conselho econômico. Crescimento do PIB (ou seja, o total de transações econômicas domésticas de uma nação) é o objetivo macro final com o fundamento de que isso permita o aumento contínuo no consumo de produtos e serviços comercializados. Os escritos de Milton Friedman nas décadas de 1950 e 1960 popularizaram uma suposição adicional — que a otimização social do consumo máximo nacional poderia ser mais bem alcançada “libertando” mercados, tanto quanto possível, das restrições não mercantis, tais como as impostas pelas regras governamentais das relações trabalhistas e impactos ambientais.

Tudo isso entrou em questão nas últimas décadas. A economia comportamental, baseando-se em avanços na compreensão do cérebro, deixa claro que a suposição do “homem econômico racional” é uma descrição muito pobre da realidade. Os psicólogos apresentam indícios fortes de que a felicidade resulta de muitas outras coisas, além do consumo por meio de mercados, e que, de fato, há uma correlação significativa entre uma perspectiva materialista e infelicidade ou doença mental.

O aumento da atenção sobre as crescentes desigualdades em termos de riqueza, poder e oportunidade enfatiza os

males sociais que acompanham essa desigualdade. Mercados “livres” são cada vez mais apontados como mercados em que ricos e poderosos são liberados para descarregar custos sociais e ambientais naqueles que não têm poder. E os perigos iminentes da mudança climática deixaram claro que o lucro privado (por exemplo, por meio de extração e comercialização de combustíveis fósseis ou a utilização de recursos ambientalmente insalubres), em vez de alcançar um ótimo social, é frequentemente perseguido mesmo que esteja em oposição direta do bem-estar geral das gerações presentes e futuras.

Mercados “livres” são cada vez mais apontados como mercados em que ricos e poderosos são liberados para descarregar custos sociais e ambientais naqueles que não têm poder.

É necessário um melhor conjunto de ideias sobre a economia. Ao desenvolver com os meus colegas os princípios e entendimentos que chamamos de “economia contextual”, começamos por enfatizar os objetivos e valores que motivam os seres humanos em todos os aspectos de sua vida, incluindo seus papéis como agentes econômicos. Reconhecemos que as metas implícitas na maioria dos textos de economia hoje, como o aumento da riqueza, o consumo, a eficiência ou o crescimento econômico, são muitas vezes extremamente importantes como objetivos intermediários que podem levar na direção do objetivo final de bem-estar. No entanto, há cada vez mais provas, em escalas que variam do indivíduo à nação e ao planeta, que, sem uma orientação constante em direção a uma compreensão mais ampla da humanidade dentro do nosso círculo social e ecológico, mesmo a mais bem-sucedida busca desses objetivos intermediários pode resultar em bem-estar reduzido.

Bem-estar de quem?

Nossa abordagem enfatiza que o bem-estar humano é a finalidade última da atividade econômica. Nesse termo incluímos o futuro, bem como as gerações presentes, e reconhecemos que a saúde ecológica é fundamental para o bem-estar humano, se vista como instrumento ou como um objetivo em si. Também assumimos (em um julgamento de valor evidente) que uma concepção mais ampla de bem-estar leva inevitavelmente a maior ênfase nas questões de

distribuição. A pergunta “Bem-estar de quem?” não pode, acreditamos, ter alguma resposta aceitável diferente de “Todo mundo, da mesma forma”.

Colocando a economia em contexto

A economia contextual visa proporcionar uma compreensão realista do funcionamento das economias locais, nacionais e globais e as forças econômicas. Acreditamos que tal entendimento só é possível quando a economia é estudada por completo no âmbito de contextos social e psicológico — incluindo motivação humana, ética, cultura, normas, história, política e instituições — bem como os contextos físicos, que incluem tecnologia e ambientes naturais e construídos. Essa é uma inversão radical da descontextualização que ocorreu dentro da economia durante o último século. Seguem alguns exemplos de suas implicações:

- A consideração adequada do contexto natural sugere um limite final para a escala da atividade econômica. Não é possível para um subsistema, a economia, crescer indefinidamente, se é limitada dentro de um supersistema finito, o contexto ecológico. Na verdade, existem fortes indícios de que os limites ecológicos que tornaram a vida humana e as economias humanas possíveis foram alcançados e ultrapassados. Se a economia global total não reduzir em breve o uso e a degradação dos recursos naturais, graves colapsos ecológicos vão nos forçar a aceitar limites locais e globais que se tornarão cada vez mais restritivos, quanto mais os ultrapassarmos.
- Os contextos tecnológicos e institucionais, vistos em conjunto, indicam um potencial para a mudança tecnológica adaptativa maior do que é geralmente reconhecida na análise custo-benefício. Economistas, e aqueles que por eles são influenciados, estão tão acostumados a supor que o crescimento seja essencial para uma economia saudável que ignoram a criatividade tecnológica e institucional que poderia atingir objetivos humanos com menor uso de recursos materiais. Muitas vezes a análise custo-benefício enfatiza os custos que enfrentaríamos se impuséssemos limites regulatórios ou outros limites sobre a atividade econômica, ignorando os benefícios que serão alcançados se a aceitação de limites obriga as pessoas a encontrar alternativas criativas.
- O reconhecimento dos contextos sociais e psicológicos sugere a necessidade de hipóteses mais realistas sobre os objetivos que motivam as pessoas e as normas cultural e historicamente relacionadas que moldam muito do comportamento humano. Os seres humanos

Os seres humanos não são apenas os consumidores gananciosos; nós também somos cidadãos, pais, amigos e membros da comunidade.

não são apenas os consumidores gananciosos; nós também somos cidadãos, pais, amigos e membros da comunidade. Somos afetados pelas emoções de outras pessoas, bem como por suas crenças e expectativas. Preocupamo-nos em como somos vistos pelos outros, o que, por sua vez, se relaciona com a forma como nos encaixamos nas normas da nossa sociedade. Padrões de interação de uma sociedade, conexões sociais, níveis de confiança mútua e expectativas de honestidade e de outras normas de comportamento são entendidos como “capital social”, o que é extremamente importante para o bom funcionamento de uma economia.

Três economias

No processo de desenvolvimento da ideia de economia contextual, descobrimos que as economias humanas são mais bem compreendidas pelo menos de três títulos: a economia de negócios, que é quase tudo o que é analisado em textos-padrão; a economia de finalidade pública do governo, organizações sem fins lucrativos e não governamentais, incluindo agências internacionais; e a economia núcleo das famílias e das comunidades. Agentes em cada uma dessas esferas realizam as quatro atividades econômicas básicas: as três atividades padrão: produção, distribuição (por vezes sob a forma de troca) e consumo. E a quarta, normalmente não incluída, manutenção de recursos.

As seguintes descrições do significado e importância da manutenção dos recursos ilustram como a nossa compreensão pode ser reforçada com a imagem de várias economias:

- A economia empresarial deve manter em boas condições os recursos, tais como máquinas e estoques, qualificação e moral dos trabalhadores e as relações com fornecedores e credores.
- A economia núcleo mantém o capital social crítico e humano por nutrir as crianças e manter a saúde física e normas construtivas de comportamento. Também é responsável pela manutenção de ambientes físicos nacionais e da região onde vivem.



Manifestação contra a desigualdade de renda em Boston, Massachusetts

- A economia de finalidade pública desempenha funções cruciais na manutenção de recursos em situações em que os agentes em outras economias não têm a capacidade (muitas vezes devido à pobreza) ou a motivação (especialmente onde há um conflito com lucros imediatos) para manter o capital social e físico necessário para o bem-estar atual e futuro da comunidade em geral. Os exemplos vão desde infraestruturas de transporte, normas ambientais e padrões de contabilidade financeira para creches, créditos de preservação das terras agrícolas e boicotes de produtos que são produzidos usando trabalho infantil ou escravo.

As ideologias econômicas dominantes no último meio século têm enfatizado o crescimento econômico para aumentar continuamente a produção e o consumo. Essa abordagem estreita tem grande sucesso no prolongamento de vidas humanas, na redução da mortalidade infantil e proporcionando alto nível de afluência material em muitas partes do mundo. No entanto, a humanidade atingiu um ponto de inflexão: continuar no mesmo caminho parece provável para reverter essas conquistas, aumentando a desigualdade e a inveja no contexto de diminuir a quantidade e a qualidade dos recursos essenciais.

A abordagem contextual nos permite reconsiderar as metas econômicas, por exemplo, substituir a meta de crescimento pela meta do bem-estar, com uma compreensão mais completa do que realmente contribui para o bem-estar

humano. Ela nos permite explorar as contribuições para o bem-estar que são feitas pelo núcleo (família e comunidade) da economia e da economia de finalidade pública (governamental e sem fins lucrativos) e sem se concentrar unicamente no negócio. À medida que lidamos com os reais limites ecológicos e sociais para continuar no caminho do crescimento como o objetivo maior, uma compreensão mais ampla dos contextos para a economia vai abrir soluções possíveis e satisfações que não estão disponíveis para uma concepção mais estreita, menos integrada de psicologia humana e do mundo natural.



Neva Goodwin é codiretora do Instituto de Desenvolvimento Global e Meio Ambiente (GDAE) na Universidade de Tufts, onde é pesquisadora associada da Escola Fletcher de Direito e Diplomacia, e diretora da biblioteca de ciências sociais “Pensando no Desenvolvimento Sustentável e Bem-estar Humano”. É ativa em uma variedade de tentativas de sistematizar e institucionalizar a teoria da “economia contextual”. Editou mais de uma dúzia de obras, e é autora principal de dois livros introdutórios: *Microeconomia em Contexto* e *Macroeconomia em Contexto*.

Cidadania global

Traçando a extensão infinita de nossas relações

Daisaku Ikeda

Nos seguintes trechos de um discurso proferido na Teachers College da Universidade de Colúmbia em 13 de junho de 1996 em Nova York, o presidente da SGI, **Daisaku Ikeda**, descreve o que ele considera ser as qualidades essenciais que permitirão aos indivíduos criar valor duradouro nesta era de globalização. O texto completo do discurso está publicado em *A New Humanism: The University Addresses of Daisaku Ikeda* [Um Novo Humanismo: Os Discursos de Daisaku Ikeda em Universidades].



O primeiro presidente da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi, cujo pensamento é o espírito da fundação da Universidade Soka, com grande respeito fez referência aos escritos e ideias de [John] Dewey em seu trabalho de 1930, *Soka Kyoikugaku Taikei* [Sistema Pedagógico de Criação de Valor]. Dewey e Makiguchi foram contemporâneos. Em lados opostos da terra, em meio aos problemas e deslocamentos de suas sociedades recém-industrializadas, ambos lutaram com a tarefa de estabelecer um caminho rumo a um futuro cheio de esperança.

Fortemente influenciado pelas opiniões de Dewey, Makiguchi afirmou que o propósito da educação deve ser a felicidade ao longo da vida dos estudantes. Ele acreditava ainda que a verdadeira felicidade é encontrada em uma vida de “criação de valor”. Simplificando, a “criação de valor” é a capacidade de encontrar significado para elevar a própria existência e contribuir para o bem-estar dos outros, sob qualquer circunstância.

Dewey e Makiguchi olharam além dos limites do Estado-nação para novos horizontes da comunidade humana. Ambos, pode-se dizer, tiveram uma visão de cidadania global, de pessoas capazes de “criação de valor” em uma escala global.

Quais, então, são as condições para a cidadania global?

Certamente, a cidadania global não é determinada apenas pelo número de idiomas falados ou pelo número de países viajados.

Tenho muitos amigos que poderiam ser considerados cidadãos bastante comuns, mas que possuem uma nobreza interior; que nunca viajaram além de sua terra natal, porém estão genuinamente preocupados com a paz e prosperidade do mundo.

Acho que posso afirmar com confiança que os seguintes elementos são os essenciais da cidadania global:

- A sabedoria para perceber a inter-relação de toda a vida e seres vivos;
- A coragem de não temer ou negar as diferenças, mas respeitar e esforçar-se para compreender as pessoas de diferentes culturas e crescer a partir de encontros com elas;
- A compaixão para manter uma empatia inventiva que alcance além de seus círculos e se estenda àqueles que sofrem em lugares distantes.

A inter-relação de tudo e de todos, que forma a essência da visão budista do mundo, pode fornecer uma base, acredito, para a realização concreta dessas qualidades de sabedoria, coragem e compaixão. A seguinte parábola do cânone budista nos oferece uma bela metáfora visual para a interdependência e interpenetração de todos os fenômenos.

Suspensa acima do palácio de Indra, o deus budista que simboliza as forças naturais que protegem e nutrem a vida, está uma enorme rede. Uma joia brilhante está incrustada em cada um dos nós da rede. Cada joia contém e reflete a imagem de todas as outras joias da rede, que brilha na magnificência de sua totalidade.

Quando aprendemos a reconhecer o que [Henry David] Thoreau se refere como “a extensão infinita das nossas relações”, podemos traçar os fios de apoio mútuo da teia da vida e descobrir ali as joias brilhantes de nossos vizinhos globais. O budismo procura cultivar a sabedoria fundamentada na empatia que ressoa com todas as formas de vida.

Na visão budista, sabedoria e compaixão estão intimamente ligadas e se reforçam mutuamente. Além disso, é o desejo compassivo para encontrar formas de contribuir para o bem-estar dos outros que dá origem a sabedoria ilimitada.

O budismo ensina que o bem e o mal são potencialidades que existem em todas as pessoas. Compaixão consiste no esforço permanente e corajoso para procurar o bem em qualquer pessoa, quem quer que seja, não obstante como possam se comportar. Isso significa esforço, por meio do engajamento permanente, para cultivar as qualidades positivas em si mesmo e nos outros. No entanto, engajamento requer coragem. Há muitos casos em que a compaixão, devido à falta de coragem, permanece mero sentimento.

Budismo chama uma pessoa que encarna essas qualidades de sabedoria, coragem e compaixão, quem se esforça sem cessar pela felicidade dos outros, um bodisatva. Nesse sentido, pode-se dizer que o bodisatva oferece um precedente antigo e exemplar moderno do cidadão global.

núcleo da prática do bodisatva. A educação é, ou deveria ser, baseada no mesmo espírito altruísta do bodisatva.

A orgulhosa missão daqueles que tiveram a oportunidade de receber educação deve ser o de servir, de formas visíveis e invisíveis, a vida daqueles que não tiveram essa oportunidade. Às vezes, a educação pode se tornar uma questão de títulos e graus, e o status e a autoridade estes lhes conferem. Estou convencido, no entanto, de que a educação deve ser um veículo para desenvolver no caráter o espírito nobre para abraçar e enriquecer a vida de outros.

Para ser significativa, a educação para a cidadania global deve ser realizada como parte integrante da vida cotidiana em nossas comunidades locais.

Como Dewey, Makiguchi focou na comunidade local como o lugar onde os cidadãos globais são criados. Em seu trabalho de 1903, *Jinsei Chirigaku* [A Geografia da Vida Humana], que é considerado um trabalho pioneiro da ecologia social,



▲ Alunos e ex-alunos na Universidade Soka da América. A missão da universidade é promover um fluxo constante de cidadãos globais

“Bondade” pode ser definida como algo que nos move na direção de uma coexistência harmoniosa, empática e solidária com os outros. A natureza do mal, por outro lado, é dividir: as pessoas de pessoas, e a humanidade do resto da natureza.

A patologia da divisão leva as pessoas a um apego irracional às diferenças e nos cega às semelhanças humanas. Isso não se limita aos indivíduos, mas constitui a profunda psicologia do egoísmo coletivo que toma a sua forma mais destrutiva em estirpes virulentas de etnocentrismo e do nacionalismo.

A luta para superar tal egoísmo e viver em patamares individuais mais elevados e mais contributivos constitui o

Makiguchi salientou a importância da comunidade como o local da aprendizagem.

Isso está de acordo com a observação de Dewey de que aqueles que não tiveram os tipos de experiência que aprofundam o entendimento do bairro e vizinhos serão incapazes de manter um apreço por pessoas de terras distantes.

Nossa vida diária é cheia de oportunidades para desenvolver a nós mesmos e àqueles que nos rodeiam. Cada uma de nossas interações com os outros — o diálogo, o intercâmbio e a participação — é uma oportunidade inestimável para criar valor.

Pessoas e perspectivas

Histórias e reflexões sobre a visão budista da vida

Com a gratidão, surge a felicidade

Leonides Arpon, Estados Unidos



Meus pais deixaram as Filipinas em busca de melhores condições de trabalho em Israel e, embora eu tenha nascido e crescido lá, a justiça negou-me a cidadania.

Por conta da minha ascendência filipina, também enfrentei diariamente o racismo. Uma das lembranças mais marcantes da minha infância é a de estar sentado com a minha mãe em um ponto de ônibus quando um homem cuspiu em nossa direção e gritou: “Filipinos sujos”. Em outra ocasião, lembro-me de nadar em uma piscina pública quando uma mulher berrou “Tirem este menino negro da piscina; ele a está poluindo”.

Minha casa deveria ter sido um refúgio seguro, mas, em vez disso, meu pai me criou “com o cinto”. Isso para mim parecia normal, porém o que realmente me marcou foi o abuso mental e verbal que sofri: “Você não é ninguém. Você é um lixo”. O pior de tudo é que acreditei nessas palavras, e com o passar dos anos minha exasperação cresceu cada vez mais.

As poucas pessoas em quem eu confiava eram de uma família para qual meus pais trabalhavam. Elas me tratavam como se fosse o próprio filho. Um dos membros da família era uma famosa professora de dança, e ela me orientou pessoalmente e me matriculou em uma aclamada escola de dança. A dança se tornou um modo de provar meu valor para mim mesmo e para os outros.

Apesar de ser um artista realizado e professor aos 18 anos, tive de tomar uma dolorosa decisão: deixar Israel ou correr o risco de ser preso e deportado.

Até que eu completasse 18 anos, o governo me permitiu viver no país como “dependente da minha mãe”, mas, uma vez adulto, já não teria permissão para trabalhar ou morar lá. Era incompreensível que o local onde nasci, e que considerava como lar, pudesse me tratar como se eu fosse um intruso indesejado. Essa injustiça somente adicionou mais combustível à minha ira fervente.

Mudei-me para Nova York, onde continuei em busca dos meus sonhos como artista. O ano era 1999. Obtive com êxito um visto de trabalho e viajei o mundo com uma grande companhia de dança americana. Mas não importava quanto sucesso tivesse em minha carreira, a ira que desenvolvi enquanto crescia se manifestou em relacionamentos fracassados com mulheres e com minha família. Não importava quanto eu tentasse pensar positivamente, continuava a obter os mesmos resultados.

Amplas perspectivas

Depois de ser convidado para uma reunião da SGI em 2008, lembro-me de me sentir confuso. Não conseguia entender como as pessoas podiam ser tão felizes mesmo lidando com desafios pessoais. Ao mesmo tempo, eu estava totalmente inspirado e comovido pelo estado de vida das pessoas, especialmente por aqueles que mais pareciam estar sofrendo. A mãe de um amigo estava morrendo de câncer, mas mesmo assim seu espírito continuava inabalável. Com o desejo de experimentar aquele tipo de condição de vida, comecei a praticar o budismo.

Depois de iniciar a recitação do Nam-myoho-renge-kyo, notei o quanto havia deixado meu ambiente afetar meu comportamento. Também percebi que o fato de não ser capaz de controlar a minha indignação estava relacionado com a falta de autoestima e autoconfiança. A primeira coisa pela qual comecei a orar foi para conseguir respeitar a minha própria vida e a dos demais, mesmo aqueles por quem eu guardava rancor.

A minha prática budista, entretanto, foi capaz de me fazer reconhecer as qualidades positivas que herdei dos meus pais, que eu nunca tinha sido capaz de enxergar antes.

Naquela época, meus pais moravam na Inglaterra, estavam desempregados e correndo risco de ser deportados. Minha mãe também estava sofrendo de depressão. Quando apresentei o budismo para eles, meu pai ficou furioso e ameaçou me renegar. A minha prática budista, entretanto, foi capaz de me fazer reconhecer as qualidades positivas que herdei dos meus pais, que eu nunca tinha sido capaz de enxergar antes. Eu me armei de coragem para expressar meu profundo respeito e gratidão por eles. Reconhecendo uma enorme mudança em mim, eles foram incentivados e começaram a recitar (o Nam-myoho-renge-kyo) e se afiliaram à SGI em 2014. Hoje, meus pais são cidadãos britânicos. Minha mãe também superou a depressão e, agora, meu pai e eu dialogamos de coração a coração.

União para tomar ações

Com a prática budista, aprendi a dar valor às minhas lutas e até mesmo à minha educação em Israel. Como resultado, decidi criar um projeto comunitário de dança em minha antiga escola secundária em Israel e levar a exposição da SGI-Estados Unidos *Vitória sobre a Violência* para lá. A missão do meu projeto era compartilhar a importância de reconhecer os diferentes tipos de violência a fim de eliminá-los por meio do diálogo e enfatizar a importância de pessoas com diferentes origens se unirem em prol dessa causa.

Cheguei a Israel para iniciar o programa no verão de 2011. No entanto, meus alunos brigavam uns com os outros e reclamavam diariamente. Diziam coisas como: “A dança é inútil. Nós já aprendemos a trabalhar em equipe jogando futebol” ou “Isso é péssimo. A dança é estúpida”.

Recusei-me a desistir. Nos momentos em que eles testavam a minha paciência e eu sentia a natureza colérica reaparecendo em mim, tomava decisões baseando-me nas palavras do presidente da SGI, Daisaku Ikeda. Com elas, encontrava sabedoria e coragem para inspirar meus alunos, e os mais difíceis começaram a ser guiados pelo exemplo e se tornaram meus maiores aliados.

Ao final do programa de uma semana, todas as cem crianças católicas, judias e muçulmanas haviam desenvolvido fortes laços de amizade e a apresentação foi um total sucesso. Os

alunos me perguntavam se eu poderia ficar mais tempo e quando estaria de volta.

Aprendi que somente quando mudo internamente e reconheço o ilimitado potencial em mim mesmo e nos outros consigo construir uma cultura de paz em qualquer lugar e a qualquer momento, a começar pelo meu ambiente.

Agora estou bem casado e determinado a criar uma família ainda mais harmoniosa, especialmente para a minha esposa e o nosso bebê. Apresento o budismo a todo mundo que conheço porque realmente acredito que as pessoas podem transformar a sua vida e experimentar benefícios inimagináveis.



▲ Leonides com o pai, a esposa e a mãe

O presidente Ikeda diz: “Mesmo que você tenha um coração bondoso, ideias brilhantes ou aspirações maravilhosas, se não tem coragem de traduzi-las em ação, não conseguirá alcançar nada com elas. Na verdade, você não seria diferente de alguém que não possui essas coisas”.

Com essas palavras no coração, minha determinação agora é desenvolver minhas habilidades artísticas e de ensino e usar minhas experiências para possibilitar que as pessoas descubram seu ilimitado potencial e contribuam para a sociedade.

Pessoas e perspectivas

Histórias e reflexões sobre a visão budista da vida

Criando laços de amizade

Liz Lorente, Reino Unido



Em 2008, decidi fazer algum trabalho voluntário relacionado à proteção do meio ambiente, pois acredito que a maior ameaça à continuação de nossa existência neste planeta é o dióxido de carbono e sua contribuição para o caos climático que estamos vivenciando. Isso está totalmente de acordo com o meu entendimento sobre o princípio budista da unicidade do ser e do meio ambiente. Assim, em março de 2009, estava animada para entender sobre isso e comparecer a uma das primeiras reuniões da Iniciativa de Transição em nossa cidade de Marlow.

O movimento Cidade em Transição é o estabelecimento de um processo liderado pela comunidade que ajuda um bairro a se tornar mais forte e mais feliz. É o contrário de ficar sentado em nossas poltronas reclamando sobre o que está errado. Trata-se de se levantar e fazer algo construtivo ao lado de nossos vizinhos e companheiros de cidade, migrando para um futuro com maior eficiência energética. Eu era uma entre nove pessoas de uma equipe que montou a estrutura legal da Cidade em Transição de Marlow [Transition Town Marlow — TTM] e participei de alguns projetos iniciais.

Minhas atividades na SGI e na TTM são ambas uma jornada, e praticar o Budismo Nichiren me permitiu enfrentar desafios, seguir em frente e nunca desistir.

No início de 2011, as pessoas começaram a deixar o grupo

da TTM por várias razões. Sete dos nove membros da equipe saíram, e permaneceram apenas outro membro e eu. Sugeri-se, então, que talvez devêssemos encerrar a organização de interesse da comunidade que havíamos formado. Eu não ia desistir tão facilmente e desperdiçar toda a energia e trabalho que tinha colocado nisso. Embora tivéssemos continuado as reuniões ao longo de 2011, as coisas não pareciam boas para a TTM.

O espírito de nunca desistir

Olhei para a minha prática budista para tentar entender como transformar essa situação e continuei encarando a adversidade de uma organização cada vez menor. A SGI fornece um modelo maravilhoso de como operar uma organização que gira em torno de pessoas, e vi que poderia aplicar a minha experiência em promover reuniões locais da SGI para revigorar a TTM.

Organizei um evento aberto e montei o Café Verde no início de 2012. São fóruns onde as pessoas podem se encontrar e discutir o que gostariam que acontecesse em sua comunidade. Vinte pessoas foram ao evento e dezoito ao Café Verde. Dois convidados sugeriram um projeto de plantar flores silvestres para a proteção das abelhas e borboletas em Marlow. A partir dessas reuniões, oito pessoas começaram a ir regularmente às nossas reuniões mensais da TTM.

Como as organizações são feitas de pessoas, divergências começaram a aparecer. Felizmente pude ir a um treinamento budista nessa época e percebi que a ligação entre a TTM e a filosofia da SGI era ainda mais forte do que eu pensava. Determinei levar o espírito de respeito e de transcender as diferenças da SGI à TTM.

Iniciei esse processo empregando o diálogo, sobre o qual o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, fala constantemente. Incentivei as pessoas usando um conceito que ouvi em uma palestra budista. Assim como dois indivíduos têm diferentes ideias ou maneiras de fazer algo, muitas vezes podemos desmorrar para a crença de que “Eu estou certo” e “Você está errado”, o que cria a base para o conflito. No entanto, quando começamos a olhar algo com os olhos de um buda, nossa atitude muda para: “Eu tenho o meu caminho e você



▲ Liz e seu marido no Mercado da Comunidade de Marlow

Usei o que aprendi das minhas atividades na SGI para expressar sempre gratidão às pessoas por seus esforços, enquanto superava uma tempestade de desafios com um sorriso no rosto.

tem o seu caminho”. Tentei aplicar essa premissa para os membros da TTM. Falei com as pessoas individualmente e as encorajei a não desistir.

Promovendo o espírito de comunidade

Em 2013, Marlow perdeu sua feirinha orgânica, que passava por dificuldades havia muitos anos. Enxerguei isso como mais uma oportunidade à TTM. Formamos uma equipe pequena e começamos nosso próprio Mercado da Comunidade de Marlow, em maio desse ano.

Até março de 2015, o mercado foi organizado inteiramente por voluntários. Usei o que aprendi das minhas atividades na SGI para expressar sempre gratidão às pessoas por seus esforços, enquanto superava uma tempestade de desafios com um sorriso no rosto. Esse é um nicho muito agitado, e às vezes é difícil manter todos os feirantes felizes. Sempre me lembro de que, no fim, qualquer projeto de Transição se resume às pessoas, e esse tipo de negócio certamente tem uma atmosfera encantadora, o que muitas vezes foi comentado tanto pelos feirantes como pelos clientes.

Uma feirante recentemente disse: “A feirinha é muito agradável, fazer amizade com os feirantes, comprar a mercadoria um do outro e, não menos importante, os clientes que a frequentam são amáveis”. Para mim, esta é cultura da Transição em ação, e, o mais importante, tem sido uma forma muito gratificante de construir a paz na comunidade.

A Câmara Municipal de Marlow tomou conhecimento do que estávamos fazendo. Eles me convidaram para dois eventos cívicos e regularmente nos convidam para nos reunirmos, já que estamos cumprindo muitos de seus planos. A TTM e sua feirinha comunitária também têm sido usadas na publicidade deles.

A cereja do bolo foi que, por meio do mercado, a TTM levantou cerca de £ 4.000 (US\$ 6.000), que serão utilizados para criar um pomar para a comunidade em uma área de lazer local. O presidente Ikeda escreveu: “Muitas vezes, o espírito livre e progressista de um único indivíduo irá abrir uma corrente de pensamento totalmente nova”.

Como disse antes, é definitivamente um caminho, e não apenas um destino, caminho este que continua a me dar a maior alegria.

Um mundo livre das armas nucleares: uma missão possível

Anna Ikeda, copresidente da Cúpula Internacional da Juventude para a Abolição Nuclear

Em agosto de 2015, eu estava com um grupo de jovens de todo o mundo em Hiroshima com um único propósito: fazer planos para abolir as armas nucleares da nossa vida.

O ano de 2015 marcou o 70º aniversário dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki. Apesar da ampla compreensão de que as armas nucleares são desumanas e, portanto, nunca deveriam ser usadas, elas continuam a desempenhar papel fundamental nas discussões em torno da segurança internacional e, ironicamente, em torno da paz. Setenta anos de medo, de ameaças e de risco são suficientes, mas o que traria a mudança necessária para livrar o mundo dessas armas?

Nós, jovens da SGI, acreditamos que a resposta está no poder e no potencial dos jovens de desafiar o *status quo* e imaginar uma nova realidade. É hora dos jovens se juntarem para reunir todo esse potencial e avançar rompendo barreiras para alcançar um mundo sem armas nucleares. Para isso, nós organizamos uma Cúpula Internacional da Juventude para a Abolição Nuclear em Hiroshima, de 28 a 30 de agosto, junto com a Campanha Internacional para a Abolição das Armas Nucleares (Ican), Mines Action Canada (MAC), a Fundação pela Paz na Era Nuclear (NAPF), a PAX e a Liga Feminina Internacional pela Paz e Liberdade (WILPF).

A geração da mudança

A cúpula reuniu trinta jovens de 23 países, incluindo Costa Rica, Itália, Japão, Quênia, Paquistão, Tunísia, Reino Unido e Estados Unidos. Os jovens estão ativamente engajados no desarmamento nuclear e áreas afins nos níveis local, regional e internacional. O tema da cúpula, “Geração da Mudança”, é o reflexo da nossa determinação de sermos a geração decidida a realizar o objetivo de um mundo sem armas nucleares.

A realização do evento em Hiroshima foi uma oportunidade para que essa nova geração de ativistas e acadêmicos testemunhassem a extensão das atrocidades ocorridas setenta anos atrás. A maioria desses ativistas nunca tinha colocado os pés na cidade antes. Nos dois primeiros dias, os trinta jovens participaram de sessões que incluíram uma visita ao Museu

Memorial da Paz de Hiroshima, onde o sofrimento humano e a devastação causados pela bomba são graficamente retratados, de uma reunião com os *hibakusha* (sobreviventes da bomba atômica) e de discussões temáticas. Os jovens também desenvolveram um plano de ação, designando um membro do grupo para assumir a liderança em cada ponto de ação para assegurar que o impacto da cúpula vá além das palavras.

O último dia da cúpula foi um fórum público no qual se esperava que, ouvindo os oradores, participando dos diálogos e interagindo com os trinta jovens ativistas, os 250 participantes encontrassem inspiração para agir por um mundo livre de armas nucleares. No final da cúpula, os jovens firmaram um compromisso pela abolição nuclear, o qual foi apresentado a Ahmad Alhendawi, enviado do secretário-geral das Nações Unidas para a Juventude.

Reforçando a rede de conexões

Um dos principais objetivos desses três dias foi a construção da amizade e o fortalecimento da rede de conexões entre os trinta jovens. Essas conexões servirão de base para a colaboração em longo prazo e a solidariedade global entre aqueles que arcarão com o futuro do movimento. Além disso, temos a esperança de inspirar mais jovens, tanto os presentes na conferência como outros também, a chegar à conclusão de que a criação de um mundo assim é a nossa responsabilidade partilhada. Na verdade, o objetivo do encontro foi promover a ideia de que a abolição das armas nucleares é realmente uma “missão possível”.

Como copresidente desta cúpula, minha determinação era de que todos os participantes se sentissem encorajados e inspirados a embarcar em outros projetos, apoiando esforços e campanhas. Na realidade, o efeito cascata da conferência é bastante encorajador. Muitos jovens ativistas estão compartilhando suas experiências de visitar Hiroshima e promovendo o compromisso da juventude de seus próprios países em encontros locais. Acredito que essas ações individuais, não importa quão pequenas pareçam ser, de fato servirão como base para a criação de um mundo livre de armas nucleares.

“Tocar nessas telhas; tornou tudo muito real... ter em minhas mãos as coisas que fizeram parte do bombardeio atômico fez com que essa questão ficasse muito evidente para mim. Foi uma experiência muito forte.”

Rick Wayman, diretor de programas da Fundação pela Paz na Era Nuclear



▲ Rick Wayman observando as telhas que derreteram no bombardeio atômico de Hiroshima

“Precisamos estar bem focados na ação, no treinamento e na mobilização das pessoas certas no momento certo e com a tática certa para influenciar os tomadores de decisão de uma forma concreta. E precisamos da pressão pública numa magnitude muito maior do que a que temos hoje.”

Meredith Horowski, diretora da campanha global para a Global Zero

“Os fatos por si só não levarão a uma compreensão da realidade. Eu queria mostrar que se tratava de vidas reais, rostos, pessoas, verdadeiros seres humanos.”

Masaaki Tanabe, hibakusha e orador no fórum público em que foi apresentado o filme que ele fez com base em extensas entrevistas com sobreviventes

“Ainda há muito a fazer, mas de alguma forma o evento foi capaz de empoderar em vez de sobrecarregar. Não estamos competindo. Somos um time.”

Uday Pratap Singh já trabalhou com parlamentares para a Não Proliferação Nuclear e o Desarmamento



Anna Ikeda é membro do Escritório da SGI para Assuntos da ONU, em Nova York, e foi copresidente da Cúpula Internacional da Juventude para a Abolição Nuclear. Ela ajudou a lançar o “Nosso Novo Futuro e Limpo”, um movimento liderado por jovens da SGI-Estados Unidos para abolir as armas nucleares com base no diálogo.

Em foco

Notícias e acontecimentos no mundo

Uma Europa: Comitê de Jovens da SGI da Europa

Lisa Cowan, presidente do Comitê de Jovens Europeus



A Europa é um lugar maravilhoso com uma história complexa. Com suas numerosas línguas, culturas, costumes e fronteiras, possui extenso passado de conflitos e divisões. Como jovens praticantes do Budismo Nichiren na Europa, sentimos um grande senso de responsabilidade de empreender ações para criar uma nova história.

O Comitê de Jovens da SGI da Europa é composto por 19 jovens de treze países da Europa. Foi criado em 2005 e atualmente se encontra em sua quinta geração. Os membros do comitê têm responsabilidade em nível nacional dentro da SGI nos seus respectivos países. Cada comitê se constitui por um período de dois anos e trabalha com o objetivo de fomentar laços de amizade por toda a Europa que, por sua vez, solidificará as bases para um continente unido e pacífico.

O conde Richard Nikolaus von Coudenhove-Kalergi (1894–1972), um dos primeiros defensores da unificação europeia, foi a primeira figura notória a publicar um diálogo com o presidente da SGI, Daisaku Ikeda. Durante o diálogo, realizado em 1967, ele compartilhou sua visão de uma Europa unificada: uma Europa unida em sua humanidade e não simplesmente unida com base na política ou na economia. Em um de seus escritos, o presidente Ikeda cita a descrição feita por Coudenhove-Kalergi sobre a grande expectativa que possuía em relação ao papel dos jovens: “Na juventude arde uma chama. Sem essa chama, um ideal não pode brilhar, tampouco triunfar”.

O lema do comitê, “Uma Europa”, expressa nosso compromisso de tornar realidade o ideal de uma Europa unida por meio do desenvolvimento de uma rede humanística em todo o continente, uma rede que nenhuma adversidade pode abalar. Ao fazer isso, estamos nos baseando no legado de Nichiren Daishonin e dos presidentes fundadores da Soka Gakkai, que dedicaram de coração a vida trabalhando para a felicidade de toda a humanidade, transcendendo as diferenças.

Nossa iniciativa atual, “Verdadeiros Amigos — Prova Real Juntos”, articula a nossa determinação de sermos amigos que possam criar transformação positiva em nossa própria vida e ajudar os amigos a fazer o mesmo. A prova real de crescimento

positivo e do nosso progresso como seres humanos é uma parte importante da nossa prática budista. Observar a prova real do genuíno valor em nossa prática nos incentiva a continuar nos esforçando, não só para a nossa própria felicidade, mas também para a felicidade das pessoas ao redor.

Os esforços que realizamos para conectar as pessoas possuem vários aspectos. Um deles é que, por meio do trabalho em conjunto destinado a criar reuniões calorosas e encorajadoras de pessoas de toda a Europa, somos capazes de construir laços sólidos de confiança à medida que fortalecemos o nosso compromisso com a paz. Essas reuniões também nos dão a oportunidade de aprender a transcender nossas diferenças, enquanto fortalecemos as amizades e a nossa prática budista.

O comitê também assume a responsabilidade de colaborar na organização de alguns eventos da SGI da Europa a cada ano. Um exemplo é o curso anual de Milão, Itália, onde 450 pessoas de toda a Europa se reúnem com o objetivo de estudar a filosofia do Budismo de Nichiren Daishonin.

Em uma mensagem recente, o presidente Ikeda recordou-nos do propósito das atividades da SGI:

No século 21, nós, membros da SGI, devemos nos tornar um pilar inabalável, construindo as bases para uma paz duradoura, estabelecendo a filosofia de respeito pela dignidade da vida como o espírito da época e do mundo.

O próximo Comitê de Jovens da Europa começará sua jornada juntos em direção a esse objetivo a partir de março de 2016.



Lisa Cowan é editora da revista mensal *Art of Living* [A Arte de Viver] da SGI-Reino Unido e também trabalha no âmbito de relações externas da organização. Ela foi responsável pela Divisão Feminina de Jovens da SGI-Reino Unido durante cinco anos e atualmente é responsável pela Divisão dos Jovens da organização nesse país e pelo Comitê dos Jovens da Europa. No seu tempo livre, com uma boa amiga, Lisa dirige um coral local que se reúne semanalmente.

Budismo na Vida Diária

A prática dos conceitos budistas na vida moderna



|| O caminho do meio

Ao longo dos 2.500 anos de história do budismo, o conceito do caminho do meio tem sido objeto de várias interpretações. Mas, expresso de maneira simples, esse conceito descreve o caminho ou a forma de transcender e reconciliar a dualidade que caracteriza a maioria dos pensamentos.

No sentido mais amplo, o caminho do meio refere-se à visão iluminada do Buda sobre a vida, assim como as ações ou atitudes que podem criar felicidade para si e para os outros; está baseado no esforço contínuo e dinâmico para aplicar a sabedoria budista nas questões e desafios da vida e da sociedade. Nesse sentido, a busca pelo caminho do meio pode ser considerada um objetivo universal para todas as tradições budistas: buscar um modo de vida que possa conceder maior valor à existência humana e ajudar a aliviar o mundo do sofrimento. É por essa razão que o próprio budismo é, por vezes, referido como o “caminho do meio”.

A vida de Shakyamuni exemplifica uma interpretação básica do caminho do meio como o caminho entre dois extremos, semelhante à ideia de Aristóteles sobre a “média dourada”, na qual “toda virtude é uma média entre dois extremos, cada um dos quais é um vício”.

Nascido como príncipe, Shakyamuni pôde desfrutar de todos os prazeres e comodidades materiais. No entanto, insatisfeito com a busca de prazeres efêmeros, partiu à procura da uma verdade mais profunda e duradoura. Foi assim que iniciou um período de prática ascética extrema, privando-se de alimentos e sono, chegando à beira de um colapso físico. Entretanto, percebendo a inutilidade desse caminho, começou a meditar com a profunda determinação para compreender a verdade da existência humana que havia lhe escapado tanto em uma vida de ascetismo como em uma vida de luxo. Foi então que, em sua rejeição da automortificação e da autoindulgência, Shakyamuni despertou para a verdadeira natureza da vida: sua eternidade, profunda fonte ilimitada de vitalidade e sabedoria.

Unificação das três verdades

Na China do século 6, o erudito budista Tiantai (Chih-i), baseando-se em seus extensos estudos sobre os ensinamentos de Shakyamuni no Sutra do Lótus, descreveu a vida e os fenômenos em termos de três “verdades”. Essa abordagem articula a realidade de todos os fenômenos a partir de três dimensões separadas.

A verdade da existência temporária faz alusão aos aspectos físicos ou materiais da vida, incluindo aparência, forma e ações. A verdade da não substancialidade se refere aos aspectos invisíveis da vida, tais como nossas funções mentais e espirituais que permanecem latentes em nossa vida até que se manifestem. Tiantai propôs uma terceira verdade, a essência ou substância da vida que transcende e abarca esses opostos. Ele a definiu como o caminho do meio.

Tiantai observou que as três verdades estão unificadas em todos os fenômenos e, desse modo, esclareceu a inter-relação indivisível entre o físico e o espiritual. A partir desse ponto de vista se originam os princípios budistas da “inseparabilidade do corpo e da mente” e da “inseparabilidade do eu e do meio ambiente”.

A dignidade inerente à vida como um princípio orientador

De forma similar a Tiantai, Nichiren Daishonin descreveu a vida como uma “realidade indecifrável que transcende as palavras e conceitos de existência e não existência. Não é a existência nem a não existência, contudo exhibe as qualidades de ambas”. Em outras palavras, a própria vida é a expressão máxima da harmonia de contradições. Como a flor do lótus que floresce imaculada nas águas turvas em que ela cresce, Daishonin sustentou que os seres humanos possuem enorme potencial, assim como a condição de vida do estado de buda, e que ambos podem ser manifestados em proporção direta à profundidade da confusão e da dificuldade enfrentadas. Ele incentivou as pessoas a perceber a dignidade inerente à todas as vidas – a própria e a dos demais – e a se esforçar para fazer deste o princípio orientador de suas ações.

A partir dessa perspectiva, buscar o caminho do meio não é um compromisso. É a forma de enfrentar corajosamente os desafios da vida — identificar as raízes dos problemas e procurar meios para resolvê-los — enquanto convocamos a força transformadora e a sabedoria do estado de buda dentro de nossa própria vida a fim de criar harmonia. Além disso, o caminho do meio não equivale à definição do que

pode ser aceito ou considerado “normal” pela sociedade em determinado momento. Pelo contrário, ele transcende os valores subjetivos e concorda com algo mais fundamental: a nossa humanidade.

No plano social e político, o caminho do meio poderia ser expresso como o compromisso para defender o respeito pela dignidade da vida e colocar esse compromisso antes de aderir a uma ideologia política ou econômica em particular. Essa abordagem é expressa por Gandhi em suas conhecidas palavras: “Lembre-se do rosto da pessoa mais pobre e mais fraca que já viu, e pergunte a si mesmo se o passo que você vai dar terá alguma utilidade para ela”.

A visão da SGI é que indivíduos comprometidos com esse esforço sustentado para orientar a sua vida em uma direção positiva, inevitavelmente, começam a mover a própria sociedade na direção da felicidade e da convivência harmoniosa. O presidente da SGI, Daisaku Ikeda, escreve que o caminho do meio é um processo de “viver e deixar a nossa própria marca na sociedade, enquanto constantemente questionamos nossas próprias ações para assegurarmos que estejam de acordo com o caminho da humanidade”.

O historiador Eric Hobsbawm intitulou a sua obra sobre o século 20 como *A Era dos Extremos*. De fato, a violência e os desequilíbrios grotescos dessa época conduziram à necessidade de encontrar um princípio orientador para alcançar a paz e satisfação da humanidade. O caminho do meio, de reverenciar a dignidade e a santidade da vida, fazendo do bem-estar das pessoas e do planeta o ponto de partida e o objetivo final de todo esforço humano, pode fornecer um caminho a seguir.





Por um mundo unido pela cultura de paz

Liberdade de crença é um postulado para a construção de uma civilização realmente democrática e é uma das principais bandeiras da SGI

Diferenças existem, dos mais diversos tipos: étnicas, culturais, sociais, econômicas etc. Em cada diferença, há em comum o que chamamos a “essência humana”. Cada povo possui suas raízes que os diferencia dos demais, porém, o que nos torna unos como espécie é a condição humana em que deve prevalecer o respeito à dignidade da vida. De qualquer ótica, não há lugar para a intolerância,

seja qual for a espécie. Em particular, algo que cresce neste momento em todo mundo é a intolerância de crença. São inúmeras as notícias dessa infame prática, tanto no Brasil como no restante do mundo. Em meio a esse cenário de caos e violência, floresce também a corrente do bem que se une em prol da convivência harmoniosa entre os diversos. Na capital paulista, por exemplo, em 21 janeiro último, Dia

BSGI em foco

Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, foi formalizado, por iniciativa das Secretarias Municipais da Igualdade Racial e de Direitos Humanos, o Fórum Permanente de Liberdade de Crença e Cultura de Paz, do qual a BSGI faz parte.

Sob o slogan “Tolerância Religiosa é Legal! Intolerância Religiosa é Crime!”, um ato público oficial foi realizado no Largo do Paissandu e contou com a presença de diversos segmentos religiosos. Unidos pela construção de uma cultura de paz e convivência harmoniosa pela dignidade da vida, cada integrante desse fórum pactua com o desejo de criar laços sólidos entre seu público de forma a combater quaisquer atos de violência e intolerância – racial, cultural ou religiosa.

Ao longo do evento, grupos sociais afins apresentaram performances artísticas com base na temática e alguns representantes do Fórum Permanente fizeram uso da palavra. “Nosso objetivo dentro deste seletor grupo é compor em conjunto com todos propostas efetivas para a construção de uma cultura de paz”, enfatizou Silvana Vicente, uma das representantes da BSGI nesse fórum.

Um pouco sobre direitos

O crescimento da diversidade religiosa no país é um fato bastante conhecido. Paralelamente, cresce também a intolerância religiosa. Atos criminosos de selvageria vêm causando verdadeira onda de barbárie e violência, amplamente divulgada pela mídia tradicional. A própria criação de uma data específica para lembrar e combater este fato, o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro), por meio da Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007, é um reconhecimento do Estado da existência desse problema.

- Art. 5º, VIII, “Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, (...)”.

A Constituição Brasileira é clara quanto à intolerância religiosa. A liberdade de crença é assegurada por lei e todos são livres para adotar o credo com que mais se identifique. E, segundo o Relatório Internacional de Liberdade Religiosa de 2005, elaborado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, a “relação geralmente amigável entre religiões contribui para a liberdade individual e coletiva no Brasil”. E, há em nosso país, normas jurídicas bastante severas que visam punir a intolerância religiosa, como a Lei Federal nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997, que considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões.

Cada integrante desse Fórum pactua com o desejo de criar laços sólidos entre seu público de forma a combater quaisquer atos de violência e intolerância.

Nessa lei, são consideradas crimes de discriminação ou preconceito contra religiões as práticas prescritas em vários artigos como:

- art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”;
- art. 3º “Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos”;
- art. 4º (“Negar ou obstar emprego em empresa privada”);
- art. 6º (“Recusar, negar ou impedir a inscrição ou ingresso de aluno em estabelecimento de ensino público ou privado de qualquer grau”);
- art. 8º (“Impedir o acesso ou recusar atendimento em restaurantes, bares, confeitarias, ou locais semelhantes abertos ao público”);
- art. 11º (“Impedir o acesso às entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais e elevadores ou escada de acesso aos mesmos”);
- art. 12 (“Impedir o acesso ou uso de transportes públicos, como aviões, navios, barcas, barcos, ônibus, trens, metrô ou qualquer outro meio de transporte concedido”);
- art. 14 (“Impedir ou obstar, por qualquer meio ou forma, o casamento ou convivência familiar e social”);
- art. 20 (“Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”).

São alguns artigos da lei relativos à discriminação. Está prevista ainda no Código Penal Brasileiro a punição a incitações à violência, como agressões ou até mesmo homicídios, por motivos religiosos ou não.



▲ Silvana Vicente, representante da BSGI, fazendo uso da palavra no evento que oficializou o Fórum Permanente na cidade de São Paulo

Raízes da intolerância

A história da intolerância religiosa no Brasil começa com a chegada dos primeiros portugueses. Inútil enumerar aqui todos os crimes cometidos em nome de determinada religião. Na história mundial não é diferente. Desde a Antiguidade, há registros dessa prática hedionda cujas raízes são sempre as mesmas até os dias atuais: a ignorância. Se aqui a discriminação contra as crenças de origem africana remonta ao período colonial, na Europa hoje a “bola da vez” são os muçulmanos, exacerbada desde a tragédia no World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, e outros eventos trágicos ocorridos mais recentemente em Londres e em Paris no final do ano passado. A ignorância tem levado certos indivíduos pouco esclarecidos à crença totalmente equivocada de que todo muçulmano é um terrorista potencial.

As causas são muitas, mas a origem da intolerância de crença é indiscutivelmente a falta de conhecimento quanto às doutrinas de cada religião. Com a Soka Gakkai

não é diferente. Desde a sua fundação em 1930, os dois fundadores tiveram de amargar anos de reclusão por se recusarem a aceitar e professar a fé no xintoísmo durante a Segunda Guerra Mundial. O regime militar japonês obrigou todos os cidadãos japoneses a idolatrar essa crença por ser ela também a base da suposta “divindade” da figura do imperador. Viam nisso uma forma de controle da população, e atos bárbaros foram cometidos em nome desse credo.

Se hoje existe a Soka Gakkai Internacional que congrega filiais em 192 países com quase 12 milhões de associados promovendo a edificação de uma efetiva cultura de paz com base na revolução humana de cada indivíduo, é graças à coragem e à tenacidade daqueles dois abnegados, os educadores Tsunesaburo Makiguchi e Josei Toda.

Por acreditar que as crenças pessoais e religiosas são de foro privado e que por isso mesmo devam permanecer nessa esfera, a Associação Brasil SGI (BSGI) participa



Ao se verem frente a frente, as crianças se entregaram e, rindo, conversaram sobre as diferenças, mas se concentraram em suas igualdades

deste fórum inter-religioso buscando protagonizar um movimento de convivência harmoniosa de modo a contribuir para o debate e expandir a rede de conhecimento sobre o tema. A BSGI objetiva, por princípio, o diálogo franco e sincero entre todos os seus associados por ser este o caminho certo e seguro para entender e combater os conflitos. Promover o diálogo é incentivar e perpetuar uma cultura de paz defendida como ideal por todas as religiões.

Visões de um mundo mais harmonioso

A ira por tudo aquilo que é diferente parece não ter fim. A guerra entre o Hamas e Israel é um desses casos. Desde o término da Segunda Guerra Mundial, quando parecia que o holocausto judeu daria fim ao antissemitismo no mundo, o estigma permanece. Um documentário produzido por um grupo de cineastas independentes (*Promessas de um Novo Mundo*, de 2001, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YkQmb37fxts>) retrata a história de sete crianças israelenses e palestinas em Jerusalém. Apesar de viverem próximas – praticamente na mesma região do globo –, levam vidas completamente distintas, separadas por diferenças religiosas. Com idades entre 8 e 13 anos, raramente elas falam por si mesmas e estão isoladas pelo medo. Cada qual vê a outra com a mesma intolerância que seus pais.

Ao se verem frente a frente, as crianças se entregaram e, rindo um tanto sem jeito, conversam sobre as diferenças, mas se concentram em suas igualdades.

“Mas você já conversou com alguns deles?” é a pergunta que fazem a ambos os grupos. Diante da resposta negativa, os produtores do filme resolvem promover um diálogo telefônico entre dois deles. “Você gosta de Homus?”, questiona o menino israelense. Ao que o garoto árabe responde: “Eu adoro Homus. Como Homus de manhã, de tarde e de noite”. Ambos riem de sua preferência comum. Os meninos se surpreendem ao perceberem que são unos em essência: meninos e meninas como eles próprios.

Conversam sobre futebol, brincadeiras, jogos e modos de vida. Reconhecem-se como iguais. Eis que devido à positividade dessa conversa, os produtores decidem ir além: promover um encontro real entre os dois grupos em uma zona neutra. Ao se verem frente a frente, as crianças se entregaram e, rindo um tanto sem jeito, conversam sobre as diferenças, mas se concentram em suas igualdades.

No final, a produção mostra depoimentos dessas mesmas crianças dois anos após esse encontro sem precedentes na vida desses pequenos cidadãos. E um dos meninos declara com impressionante perspicácia: “Não há chance de paz sem encontros entre judeus e árabes”, e outro sentencia: “A paz é impossível se a gente não se conhecer melhor”. É o mundo infantil mostrando a receita para se construir uma paz verdadeira e perene.

A Secret World of Hope

[O Mundo Secreto da Esperança]

From an interview with Sara Moses
[Entrevista com Sara Moses]



Keep reading

#bergen-belsen #holocaust
#anne frank #hope #SGIJuly2014



The Restorative Power of Philosophy

[O Poder Restaurador da Filosofia]

An interview with Lou Marinoff
[Entrevista com Lou Marinoff]



Keep reading

#practical philosophy
#philosophical counseling
#psychology #counseling



Looking Upstream for a Healthier Society

[Focalizar o Oposto da Correnteza por uma Sociedade Mais Saudável]

By Ryan Meili

[Ryan Meili]



Keep reading

#refugeecrisis #syria
#peacethroughhealth
#preventativehealth #socialchange
#upstream #sdoh



Peace Education Initiatives in Kenya

[Iniciativas de Educação para a Paz no Quênia]

By Mary Kangethe

[Mary Kangethe]



Revisiting Gandhi

[Iniciativas de Educação para a Paz no Quênia]

By K. K. Panda

[K. K. Panda]



A Contextual Approach—Rethinking the Purpose of Economics

[Uma Abordagem Contextual — Repensando o Propósito da Economia]

Common Threads



Apresentamos **Common Threads**, uma página tumblr [em inglês] hospedada pela SGI, com o objetivo de gerar interesse em temas relacionados com o desenvolvimento de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos na busca pela paz. O blog apresenta artigos escritos por uma variada gama de colaboradores, na esperança de proporcionar um espaço de diálogo sustentado e para explorar respostas criativas para um mundo em mudança.

Common Threads pode ser acessado via commonthreads.sgi.org.

Convidamos você a participar da conversa, seguindo-nos no Tumblr e curtindo, reblogando e comentando nos posts. Se você estiver interessado em contribuir com um artigo ou recomendar um colaborador, favor contatar-nos em quarterly@sgi.org.



Mulheres estudando num centro Sughar no Paquistão

A Soka Gakkai Internacional (SGI) é uma associação budista leiga, presente em 192 países e territórios, que promove a paz, a cultura e a educação com base no profundo respeito pela dignidade da vida e na filosofia humanística do Budismo de Nichiren Daishonin.

A partir de um entendimento mútuo dos laços inseparáveis entre a felicidade individual e a realização de um mundo pacífico, os membros da SGI se empenham para manifestar seu potencial inerente, ao mesmo tempo em que contribuem para a comunidade local e lidam com os problemas comuns que a humanidade enfrenta. Os esforços da associação para criar uma cultura de paz estão alicerçados num firme compromisso com o diálogo, a não violência e um senso de cidadania global, cultivados por meio da prática budista diária.

Como organização não governamental (ONG) filiada às Nações Unidas, a SGI também colabora com outras organizações da sociedade civil e com agências intergovernamentais nas áreas do desarmamento nuclear, dos direitos humanos, do desenvolvimento sustentável, dos assuntos humanitários e do diálogo inter-religioso.

No Brasil, a SGI se faz presente por meio da Associação Brasil SGI (BSGI), com sede em São Paulo e representações em diversas cidades brasileiras.



Soka Gakkai International
Budismo em ação pela paz

15-3 Samoncho, Shinjuku-ku
Tóquio 160-0017, Japão

Site da SGI: www.sgi.org

Site da SGI Quarterly (edição em inglês): www.sgiquarterly.org

A equipe editorial da SGI Quarterly (edição em português) recebe ideias e sugestões pelo site: www.bsgi.org.br